



**Entrevista coletiva concedida pelo Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, a jornalistas brasileiros em Nova Iorque**

**Nova Iorque-EUA, 16 de março de 2009**

**Jornalista:** Presidente, fica mais difícil oferecer o Brasil para esses investidores, com essa previsão, do Morgan Stanley, de uma recessão, de uma recessão não, de uma retração, desculpe-me.

**Presidente:** Primeiro, esses bancos não acertaram nem na situação deles, quanto mais na situação do Brasil. Nós trabalhamos com a crença de que todos os investimentos que estão previstos e serão colocados em prática pelo governo irão fazer com que a economia brasileira cresça favoravelmente em 2009.

Certamente, poderemos não crescer o quanto gostaríamos de crescer, o tanto que estávamos crescendo em 2006, 2008, 2007, mas certamente o Brasil será, dos países do mundo, o que terá um crescimento positivo. E isso é importante porque se nós, a partir do segundo semestre deste ano, começarmos a colocar em prática todos os projetos, nós temos chance de, na hora em que a economia mundial começar a se recuperar, o Brasil dar um salto de qualidade extraordinário. Nós trabalhamos com essa previsão, as coisas estão acontecendo, e eu estou tão otimista quanto estava no ano passado.

Eu sei da grandeza da crise, sei dos problemas que estão acontecendo, sobretudo com a ausência de crédito no mundo, hoje, que tem sido a maior dificuldade para todos os países. Sei que o dinheiro que está sendo dirigido - saindo dos países emergentes para os países como os Estados Unidos - para compra de títulos, é dinheiro que tem saído do mercado e, portanto, tem dificultado o crédito. Nós temos a sorte de ter bancos públicos sólidos e com muita capacidade de fazer investimento e, portanto, garantir o crédito. E nós



vamos trabalhar.

Ou seja, neste momento, é o que eu disse ao presidente Obama no sábado e posso dizer para vocês agora: nós vamos trabalhar mais do que vínhamos trabalhando, vamos viajar mais do que vínhamos viajando, e vamos tentar ser mais criativos do que vínhamos sendo, porque nós estamos convencidos de que essa é a saída para que o mundo saia da crise.

**Jornalista:** Essa divulgação dessa previsão atrapalha?

**Presidente:** Não, não me atrapalha em absolutamente nada. Não me preocupa a previsão, porque não é a previsão que faz o Banco Central, não é a previsão que faz o Ministério do Planejamento, não é a previsão que faz o Ministério da Economia e não é a previsão que fazem outros bancos.

O que nós estamos convencidos é de que os investimentos que estão previstos, os que já estão em andamento, vão possibilitar à economia brasileira ter um crescimento positivo. E eu não tenho dúvida nenhuma de que nós somos o país, neste momento, com maior atração de captação de investimentos, junto com a China.

**Jornalista:** O senhor não quer cravar o número do crescimento?

**Presidente:** Eu não [cravava] quando a gente estava bem e não [cravava] quando a gente estava decrescendo, há 10 anos, porque eu teria que cravar o número agora?

Eu só posso dizer o seguinte: o governo estará trabalhando para que a economia continue crescendo. É por isso que vamos anunciar agora 1 milhão de casas populares, na semana em que eu voltar ao Brasil, possivelmente na sexta ou na segunda-feira. É por isso que vamos implementar ainda com mais força as obras de investimento da Petrobras, as obras do PAC. É por isso que



estou pedindo para que os empresários façam com que as obras que possam trabalhar em dois ou três turnos trabalhem, para que a gente possa gerar mais empregos.

É por isso que nós tomamos medidas para recuperar a indústria automobilística. Certamente que não vamos recuperar o setor da indústria automobilística, das exportações, enquanto o mercado externo não melhorar. Mas no mercado interno, nós vamos continuar fortalecendo a indústria automobilística pelo significado que ela tem no PIB industrial, que é praticamente 24,5%.

A agricultura brasileira está segura. Nós tivemos uma queda, porque tivemos seca no Rio Grande do Sul e no Paraná, de praticamente 7 milhões de toneladas. Mas, por tudo que nós discutimos dentro do governo, por tudo que nós analisamos, nós não temos nenhuma razão para não sermos otimistas com relação ao Brasil.

**Jornalista:** Presidente, o senhor vai participar, daqui a duas semanas, da reunião do G-20, em Londres, e esteve com o presidente Obama neste final de semana. Eu queria lhe perguntar se o senhor vê uma atitude cínica de alguns líderes mundiais porque, por um lado, dizem que querem fazer uma ação coordenada. Aqui nos Estados Unidos adotam uma cláusula *by american* para aço e ferro no programa, aqui nos Estados Unidos. Sarkozy pede que se forem demitir os funcionários das montadoras, que sejam demitidos fora da França. O líder chinês diz que não confia muito na liquidez dos papéis americanos. Quer dizer, que coordenação é essa?

**Presidente:** Primeiro, nós temos que ter clareza que só fizemos uma única reunião do G-20, e nessa o Obama nem estava presente, portanto, ele vai participar da primeira agora, em Londres.

É correto que cada país esteja, em um primeiro momento, preocupado



em resolver o seu problema, até porque se não resolver o seu problema, não vai resolver o problema dos outros. Mas é um equívoco – eu fiz questão de dizer ao presidente Obama, fiz questão de dizer na outra reunião do G-20, faço questão de dizer para vocês agora – é um equívoco qualquer país entender que a volta do protecionismo vai resolver o seu problema. Ou seja, no fundo, no fundo, é só olhar a história do século XX que nós vamos perceber que o protecionismo pode agravar essa crise.

Nós temos alguns problemas que precisam ser resolvidos. O primeiro deles é a questão do crédito, ou seja, muito dinheiro que está saindo dos países emergentes e vindo para comprar títulos de países, sobretudo aqui nos Estados Unidos. Esse dinheiro precisa voltar para o mercado de investimento nas ações e nas empresas.

Segundo, é preciso que se tome uma atitude – e é isso que nós vamos levar também para o G-20... Aqui, nos Estados Unidos, eu sei que é um tabu falar a palavra “nacionalização”, a palavra “estatização”, as palavras “bancos públicos”. Mas, veja, na medida em que o Estado está colocando muito dinheiro no banco e esse dinheiro é utilizado para comprar títulos do governo e não volta para o mercado como crédito, nós estamos diante de uma situação difícil. Ou o Estado assume a responsabilidade de criar bancos públicos como nós temos no Brasil, ou nacionalizar alguns bancos agora, ou estatizar alguns bancos, mesmo que essa palavra seja proibida aqui, mas é uma coisa que tem que ser feita. Para quê? Para que o dinheiro possa voltar para o mercado em forma de crédito. Além de resolver os problemas do crédito interno e a confiança do consumidor americano, do consumidor europeu, é preciso criar o crédito para manter o comércio e o fluxo comercial funcionando, porque ele está paralisado. No caso do Brasil, nós tínhamos reservas e colocamos US\$ 36 bilhões para facilitar as importações brasileiras. Mas quantos países têm reservas? Quantos podem fazer isso? E quantos países, em nome da globalização, ficaram dependentes de que os países ricos e os seus bancos



[fizessem] funcionar esse fluxo de investimentos?

Isso é o que nós temos que assumir como responsabilidade (falha na gravação) volta o crédito interno e externo ou a economia vai passar por muito mais dificuldade. Até quando esse assunto vai ficar como se fosse um tabu, eu não sei. Mas quando eu digo todo dia que eu estou rezando para o Obama mais do que eu rezo para mim é porque eu sei que a situação do Obama - embora os Estados Unidos sejam muito mais ricos, tenham um PIB muito maior - a verdade é que o problema dele é infinitamente maior do que o problema de outros países e vai caber muito aos Estados Unidos tomar uma atitude. Eu acho que o presidente Obama só está há 40 dias no poder. Acho que ele está conversando com muita gente, está...

**Jornalista:** Ele vai conversar com Cuba?

**Presidente:** Não sei, mas deveria conversar. Eu acho que a reunião do G-20 é uma coisa extraordinária. Eu estou muito confiante. Eu disse ao presidente Obama que é importante que ele comece a prever qual é o papel que ele vai jogar no G-20 porque, na última reunião, o presidente Bush estava quase no fim do mandato, ou seja, não poderia nem tomar decisão.

Agora, é um presidente que está no começo de mandato, portanto, ele tem que tomar decisão. Acho que é possível que Brasil, que Estados Unidos, que França e que outros países... o primeiro-ministro da Austrália me ligou, eu conversei com o Sarkozy, todos nós estamos com a idéia de criar um denominador comum para anunciar ao mundo que nós vamos resolver o problema global da economia mundial.

Não vai ser em uma única reunião, mas essa reunião tem que ser decisiva porque nós não temos tempo e o povo não pode esperar. Se a gente ficar fazendo uma reunião para marcar outra reunião, que marca outra reunião, ninguém agüenta isso. Então, nessa reunião nós temos ter tomar decisão.



Portanto, pode ser uma reunião mais dura, pode ser reunião em que tenha mais divergência, mas nós vamos ter que tomar decisão. Nós temos que garantir se vai ter aporte de dinheiro para o FMI ajudar os países emergentes, que não têm reserva. Nós vamos discutir se vamos aportar dinheiro para o Banco Mundial poder continuar ajudando os países mais pobres do mundo e nós vamos discutir essa questão do crédito, sobretudo nos Estados Unidos e na Europa, que é de onde precisa sair a maior fatia. Vai ser duro? Vai. Mas nós temos que discutir esses ajustes, porque senão não funciona.

**Jornalista:** O senhor tem visto sinais de protecionismo? E de onde vêm esses sinais?

**Presidente:** Veja, eu não tenho visto sinais de protecionismo, eu tenho visto discurso. Eu tenho lido, tenho acompanhado as pessoas tentando se proteger, o que eu acho que é um equívoco. Por isso é que eu continuo defendendo a Rodada de Doha, mesmo sabendo que em época de crise é mais difícil fazer um acordo em Doha. Mas, certamente, nós precisamos de mais comércio e não trancar o comércio. Nós precisamos de mais fluxo de produtos entre os países. É essa lógica que me faz entender – e esse foi um assunto que eu também discuti com o presidente Obama – que se os Estados Unidos têm problema, se o Brasil tem problema, se a Alemanha tem problema, se a França tem problema, tudo bem. Agora, imaginem os países mais pobres do mundo, que muitas vezes querem vender 100 toneladas de algodão para os países ricos. Se não houver, da parte dos países ricos, uma tomada de consciência de que nós temos que ajudar esses países, tudo vai ficar pior, ou seja, enquanto nos países ricos as pessoas vão ficando mais pobres, nos países pobres as pessoas vão morrendo, porque não têm como ficar mais pobres.

**Jornalista:** Presidente, o senhor tem defendido a necessidade de



regulamentar (incompreensível), desde que começou isso, o senhor coloca isso como prioridade. Ontem, o ministro Guido Mantega chegou da reunião preparatória do G-20 dizendo que talvez regulação agora não seja a melhor coisa do mundo, porque vai expor, trazer (incompreensível). Queria saber qual é a posição do governo brasileiro sobre regulação, que é uma bandeira que parece que o senhor carregava como prioridade.

**Presidente:** Eu carregava, não. Eu estou carregando. Eu vou chegar ao G-20 com a firme convicção de que nós precisamos sistematizar a regulamentação do sistema financeiro internacional. Nós precisamos estabelecer até quanto um banco de investimentos pode alavancar, para não permitir que se repita o que aconteceu aqui nos Estados Unidos: um banco emprestar 36 vezes mais do que ele poderia, ou seja, não é possível.

Da mesma forma, nós poderemos evitar discutir esse assunto em uma reunião, em duas reuniões, mas ou nós mexemos profundamente nos paraísos fiscais, ou essa estupidez de a gente falar que está combatendo o narcotráfico, o crime organizado não passa de estupidez, porque é lá que se passa a lavagem de dinheiro do crime organizado.

Então, eu acredito que o momento é propício para a gente fazer coisas que em tempo de normalidade era difícil fazer. O momento é propício para que a gente seja mais ousado, para que a gente tenha mais coragem e tome as atitudes, afinal de contas, nós não estamos lidando apenas com interesses de bancos, estamos lidando com os interesses da humanidade. O que não pode acontecer é o que eu vi aqui na imprensa americana desde ontem: a empresa de seguro recebe aporte do Estado para resolver um problema e eles vão pagar bônus para os diretores. Bônus você paga se as pessoas atingirem a meta de lucro, mas aqui atingiram a meta de prejuízo, como é que as pessoas vão ganhar bônus? Então, eu estou convencido de que as discussões serão mais sérias daqui para a frente. Estou convencido de que nós temos uma



oportunidade. É pegar ou largar.

**Jornalista:** Presidente, o presidente Obama falou que é uma dificuldade muito grande mexer nos incentivos aos biocombustíveis neste momento. Lá embaixo, o Gabrielli disse que já esperava por isso e que a prioridade da Petrobras tem sido o mercado oriental. Mas o senhor, no seu discurso, pediu ajuda aos empresários para mudarem a matriz energética dos Estados Unidos. Afinal, qual a importância desse mercado e como essa posição do presidente Obama pode mexer com as expectativas?

**Presidente:** Olha, se todos nós desistíssemos no primeiro não, ninguém se casava. Homens e mulheres só se casam porque nós não aceitamos o primeiro não. Ora, no jogo econômico é a mesma coisa. Os Estados Unidos têm uma matriz energética baseada em combustível fóssil e, de outro lado, a produção do etanol de milho. Por que eles fizeram o etanol de milho? Porque não têm o hábito e não tem a tecnologia da cana-de-açúcar.

Nós também não podemos exigir que eles possam, de uma hora para outra, desmontar o que já está pronto para começar a comprar o nosso. Não. O que nós queremos é que, com o passar o tempo, os Estados Unidos se coloquem a construir parcerias com empresas brasileiras para que a gente possa construir um pouco no Brasil e, ao mesmo tempo, que Brasil e Estados Unidos juntos, e países da Europa juntos, comecem a produzir biocombustíveis em países como os países africanos, porque nós estaremos ajudando para que haja desenvolvimento da África, para que haja geração de empregos e para que haja, portanto, distribuição de renda.

Eu acho que essa é uma lógica que vai acontecer porque...Veja a contradição: todo mundo assinou o Protocolo de Quioto, todo mundo fala, todo santo dia, na questão climática, todo mundo fala que é necessário reduzir a emissão de gases de efeito estufa. O Brasil tem tecnologia, tem um





combustível. Como é que se explica que um combustível fóssil, que é poluente e emissor de gases não seja taxado por nenhum país do mundo, e o combustível limpo, que todo mundo elogia, que todo mundo quer, é taxado, como é o álcool. Não tem sentido.

A única coisa que nós queremos é o seguinte: que prevaleça a lógica do livre comércio. Mas livre de verdade, não apenas livre quando interessa aos países ricos colocarem os seus produtos nos nossos, e quando nós queremos colocar os nossos produtos aqui eles nos criam barreiras.

**Jornalista:** Presidente, a gente viu que os Estados Unidos estão fazendo bons investimentos no Brasil, tem o álcool, tem o etanol. Mas quem está em alta mesmo é o Ronaldo. O senhor acha que eles deviam investir no Ronaldo, ou o senhor vai meter um protecionismo para eles não levarem o Ronaldo?

**Presidente:** Eu acho que se tem uma coisa que devia ter protecionismo, é o Ronaldão. Você veja que ele está valendo tanto que ontem não jogou, o Corinthians não ganhou.

**Jornalista:** (incompreensível) ...caso a marolinha vire uma onda maior...

**Jornalista:** Presidente, as negociações para o G-20 já estão acontecendo. Mas pelo que o senhor tem acompanhado até agora, o que já há de consenso, o que o senhor acredita que pode ocorrer, uma medida prática, já, nessa reunião?

**Presidente:** Eu não posso, até por prudência política, dizer, com 20 dias de antecedência da reunião, o que vai acontecer na reunião. Se eu disser, o Obama vai pegar o telefone, vai me ligar e vai dizer: “Lula, não tem mais reunião, você já decidiu o que vai acontecer em Londres”.



Eu posso te dizer que estou otimista com relação ao G-20, pela conversa que eu tive com o Obama, pela conversa que eu tenho tido com o Guido Mantega, pela conversa que eu tenho tido com outros primeiros-ministros, com outros presidentes. É que nós todos estamos otimistas, porque poderemos encontrar uma solução. Se não uma solução definitiva, pelo menos atenuantes que possam conduzir a gente a encontrar a solução definitiva.

Eu volto a repetir: o problema crucial hoje chama-se crédito. Disponibilidade de crédito, primeiro, no mercado interno de cada país; segundo, para flexibilizar o fluxo nas balanças comerciais.

A última pergunta e eu vou embora.

**Jornalista:** Presidente, uma curiosidade de política interna. Eu li em algum lugar que o senhor teria falado do comportamento da ministra Dilma, como é que ela tem que ser, como é que ela...

**Presidente:** Não, não. Deus me livre. Com essas coisas, eu não brinco. Dar palpite na vida de mulher...

**Jornalista:** O senhor está achando que está bacana?

**Presidente:** Eu acho que está. Acho que a Dilma está bem.

**Jornalista:** Bem para que, Presidente?

**Presidente:** Para qualquer coisa.

**Jornalista:** Como foi o contato dela com o presidente Obama?

**Presidente:** Não foi um contato individual, foi um contato de várias pessoas.



Só eu tive um contato individual com o Obama. Mas eu acho que a Dilma é uma mulher que está apta, preparada...

**Jornalista:** Preparada para...?

**Presidente:** Para fazer qualquer coisa. Para fazer os debates políticos, para fazer os encontros políticos. Mais uma pergunta para mim...

**Jornalista:** (incompreensível)

**Presidente:** Vai depender muito da capacidade de arrecadação que o governo tiver. Eu trabalho com a hipótese que nós tivemos o momento mais difícil, que foi outubro, novembro e dezembro. Se vocês pegarem o número de janeiro e fevereiro, vocês percebem que nós ainda não recuperamos aquilo que nós tínhamos em janeiro do ano passado, mas houve uma melhora substancial com relação ao último trimestre. Trabalhamos com a hipótese de que o segundo trimestre deste ano será melhor do que o primeiro, de que o terceiro será melhor do que o segundo, e vamos chegar ao quarto trimestre já em fase de bom crescimento, preparando o País para 2010.

O dado importante do Brasil é que nós temos uma quantidade enorme de dinheiro previsto no Orçamento para investimento, uma quantidade de dinheiro muito grande do BNDES para fazer investimento, uma quantidade muito grande de investimento por parte do Banco do Brasil, uma quantidade de dinheiro importante da Caixa Econômica Federal, mais o lançamento de um programa de 1 milhão de casas que vamos lançar quando eu voltar ao Brasil, possivelmente sexta ou segunda-feira.

**Jornalista:** (incompreensível) ...cálculo da poupança?



**Presidente:** Não, aí vamos ter que pensar. Vamos ter que pensar, porque nós não poderemos permitir que os poupadores tomem qualquer prejuízo no Brasil. Afinal de contas, são os pequenos... Nós precisamos defender a poupança.

**Jornalista:** (incompreensível)

**Presidente:** Vamos, mas vamos discutir isso aqui, porque eu também não posso ficar adivinhando o que nós vamos fazer. Vamos sentar, para ver como ela vai ficar. Nós já mexemos há dois anos, já mexemos quando descobrimos que gente que tinha muito dinheiro queria colocar na poupança. Nós mexemos para garantir a poupança apenas para os pequenos poupadores, para quem precisa da poupança. Os outros, que têm muito dinheiro, façam outro tipo de investimento, comprem títulos.

**Jornalista:** (incompreensível)

**Presidente:** Não, querida, eu tenho que voltar para o Brasil, fazer uma reunião com a equipe econômica, ver como é que está a situação, para a gente fazer.

No mais, eu quero agradecer a vocês.

**Jornalista:** E o reajuste dos servidores, como é que fica (incompreensível)?

**Presidente:** Veja, nós temos acordo com os servidores, feito no ano passado. Acordo de coisas que estão previstas no Orçamento. É o ministro Paulo Bernardo que cuida disso. Se houver algum problema, em função do Orçamento, temos que chamar os servidores e conversar com os servidores. Não tem segredo. Vamos acompanhar a receita, para saber o que tem.

No mais, eu queria agradecer a vocês. Pedir desculpas a quem estava aí ontem, porque eu não saí na rua, porque estava um frio... Veja, deixem-me



contar porque eu não saí: primeiro, porque estava muito frio. Segundo, porque eu peguei um casaco errado em casa, o casaco que eu trouxe não era o meu. Terceiro, eu não ia comprar um casaco, quem já tem três ou quatro casacos, apenas por causa de um dia de frio.

Eu aproveitei uma recomendação do Gilberto Gil, que disse assim para mim: “Presidente, quando não tiver o que fazer, fique “morgando” um pouco, que é importante”. Eu tinha que preparar o discurso para hoje, tinha que fazer algumas reuniões com os meus ministros. Conversei muito com o Celso. À noite, jantamos juntos: eu, Dilma, Celso, Meirelles, Guido Mantega e mais um monte de gente. E, depois, eu ia fazer o quê? Eu, se tivesse que comprar alguma coisa, não ia comprar porque eu sou nacionalista, teria que comprar no Brasil, não ia comprar aqui. Se o Brasil precisa ativar o comércio, por que eu iria comprar alguma coisa aqui? Então, o dinheiro que eu ia gastar aqui, eu vou gastar... Não, não é protecionismo, isso é uma atitude que o Presidente do Brasil tem que fazer, porque ele tem que dar bons exemplos.

Gente, um abraço.

(\$31EGJLQ)